



Os negros sob as lentes do menino de engenho:

Preconceito racial e patriarcalismo em José Lins do Rego

Nilene Matos Trigueiro Marinho¹

Ricardo de Figueiredo Lucena²

É o retrato da vida dos negros algumas décadas após a abolição da escravidão, que o presente trabalho objetiva fotografar sob as lentes do escritor paraibano José Lins do Rego, autor do livro “Menino de engenho”, produzido em 1932. A imagem que se quer captar é aquela que, elenca o universo encontrado pelos negros recém-libertos, após a promessa de liberdade advinda com a abolição da escravidão.

Para atingir esse objetivo, o texto realizou uma análise sociológica das questões referentes às relações raciais no livro “Menino de engenho”, destacando sua perspectiva colonialista e racista de identidade, ao retratar os empregados do engenho Santa Rosa.

A compreensão de mundo sob a abordagem pós-moderna cerceou as análises do trabalho. Assim como define Gilroy (2012), essa abordagem é capaz de ampliar a tentativa de buscar superar o universalismo da racionalidade ocidental para, então, compreender o peso da pluralidade e das particularidades da experiência negra na modernidade.

Não dá para tratar sobre as questões que envolveram a escravidão negra, sem considerar as relações históricas de dependência e antagonismo. Aventar essa questão é reconhecer que, não se pode realizar uma separação precipitada das formas culturais

¹ Professora do curso de licenciatura em Educação Física do Instituto Federal do Ceará; acadêmica do programa de doutorado em educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: nilene.trigueiro@gmail.com.

² Professor do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: cacolucena@gmail.com.



particulares do colonizador e do escravizado, mas sim, deve-se separar este complexo entrelaçamento (GILROY, 2012).

A análise de conteúdo foi selecionada por possibilitar a sistematização e interpretação das mensagens expressas na fala do narrador da obra, o menino Carlinhos. No intuito de dar sentido à análise, o método bibliográfico também foi utilizado.

“Menino de engenho” tem um caráter memorialista e documental, uma vez que, o autor toma de empréstimo os dados da realidade, as memórias por ele vivenciadas na infância, para criar ficionalmente o seu enredo. Neste contexto, “[...] a realidade está contida na obra, mas como uma realidade autônoma, cujo valor está impresso na forma que obteve para colocar os elementos extra-literários, impressões, paixões, ideias, fatos, acontecimentos” (CORDEIRO, 2011, p. 12).

O discurso de Rego ancora-se na superioridade biológica dos brancos em relação aos negros e na propaganda da relação harmoniosa entre os dois extremos antagônicos, os senhores e os produtos de sua exploração, seus ex-escravos. Para isso, conta com a construção social de discursos que incutem nesses sujeitos a crença inquestionável na sua inferioridade em relação aos seus senhores que desenvolviam o papel de protegê-los contra a sua degradação.

De acordo com Proença Filho (2004, p. 161), na produção literária brasileira a representação social dos negros ocorre através de duas abordagens distintas: a primeira delas assume uma reflexão do negro de forma distanciada; na segunda, o negro é o sujeito e desenvolve uma atitude compromissada e crítica nas discussões acerca de sua condição social (PROENÇA FILHO, 2004). “[...] Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro, de outro” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161).

Na classificação do respectivo autor, “Menino de engenho” enquadrar-se-ia na primeira abordagem, aquela em que o negro é o objeto de reflexão, por ser retratado a partir das atitudes, ideologias e estereótipos provenientes da estética branca



dominante. Para compreender essa afirmação torna-se necessário conhecer a história narrada por Rego, que foi brevemente descrita nos próximos parágrafos.

Fundamentando-se na superioridade da raça branca, nas primeiras décadas do século XX, o projeto de construção da identidade nacional brasileira, defendido por intelectuais brasileiros da elite, excluía o negro. Logo muitos intelectuais e cientistas dedicaram-se a empreitada de construir teorias capazes de embasar o branqueamento da população do país. Freyre foi um desses intelectuais ao defender que (1984, p. XX), o novo homem brasileiro seria um tipo metarracial originário da superação de “[...] qualquer origem étnica ou racial assimilada pelo Brasil ou integrada nele, de traços étnicos e culturais característicos do Brasil; e projetados sobre a gente brasileira através de uma aliança de um projeto físico como cultural”.

As relações raciais, como definem Elias e Scotson (2000, p. 32), “[...] são sintomáticas de um ato ideológico de evitação”. Por isso, há que se ter o cuidado para não analisá-las apenas como resultado de diferenças de aparência física e outros aspectos biológicos. Quando, na verdade, essas relações também estão inseridas nas relações de poder e exclusão, do grupo menos favorecido, dos cargos com maior potencial de influência. Destinam-se a disponibilizar recursos de poder muito maiores ao grupo estabelecido e barrar o acesso ao outro grupo do centro do poder, para isso, utilizam-se da construção de discursos que os estigmatizam e inferiorizam suas capacidades.

O fim do regime escravocrata destituiu os antigos agentes de trabalho escravo e não gerou garantias que protegessem os negros na transição para o trabalho livre. Ninguém assumiu a responsabilidade pelos libertos, Senhores, igreja, Estado, nenhuma instituição os amparou fomentando projetos ou políticas públicas destinadas à organização da nova vida e regime de trabalho (FLORESTAN FERNANDES, 2008).

“Menino de engenho” evidencia o triste retrato dos negros no pós-abolição que, relegados aos interesses da conservadora elite branca, deparam-se com a necessidade de superação do estigma construído em torno de suas capacidades físicas e intelectuais.



Mesmo que tal discurso não tenha sido uma construção de Rego, ele foi um dos representantes, na literatura brasileira do período, do pensamento de um grupo que reivindicava seu poder ao temer perdê-lo com as mudanças políticas, econômicas e sociais instaladas com a república.

PALAVRAS-CHAVE: LITERATURA; PRECONCEITO RACIAL; PÓS-ABOLIÇÃO.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORDEIRO, Carla de Fátima. **Pelos olhos do menino de engenho:** os personagens negros na obra de José Lins do Rego. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. Disponível em: <http://culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Pelos_olhos_do_menino_de_engenho.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes:** no limiar de uma nova era. Vol. 2, São Paulo: Globo, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Os escravos nos anúncios de jornais do século XIX.** 2ª ed. [S.l]: Castelo Branco e associados propaganda, 1984.

GILROY, Paul. Senhores, senhoras, escravos e a antinomia da modernidade. In: _____ **O atlântico negro:** modernidade e dupla consciência. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de estudos afro-asiáticos, 2012.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho.** Rio de Janeiro: José Olímpio Editora, 2014.